

A CAPTURA DO CARANGUEJO-UÇÁ (*UCIDES CORDATUS*) DURANTE O EVENTO REPRODUTIVO DA ESPÉCIE: O PONTO DE VISTA DOS CARANGUEJEIROS

Nivaldo Nordi

ABSTRACT

The capture of the caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) during the reproductive event of the species: The point of view of the crab-gathering fishermen. The aim of this study is to understand the crab-gathering fisherman perception of the caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) reproduction. The methodology adopted was direct observation complemented with inquiries and interviews. The gathering activity in mangrove ecosystems is carried out during the low tide. Usually the crabs are picked up inside holes. However, during the reproduction period, the crabs leave the holes in abundance and are easily collected. The gathering in this period is considered to be predatory and is forbidden. The data indicate that the intensification of the gathering activity during the reproduction period is much more related to survival pressure than irresponsible predation. That is mainly a social than an ecological problem. The focus of conservation needs to change from the resource towards the binomial crab-gatherer-resource.

Keywords: caranguejo-uçá, *Ucides cordatus*, reproductive event, "andada", crab-gathering fishermen, human ecology, traditional communities.

Descritores: caranguejo-uçá, *Ucides cordatus*, evento reprodutivo, "andada", caranguejeiros, ecologia humana, comunidades tradicionais.

INTRODUÇÃO

Os catadores do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) capturam esta espécie de animal para sua sobrevivência em sistemas de mangue durante os períodos de baixamar. Isto é, durante o tempo em que este ecossistema não está alagado pelas águas marinhas, devido aos movimentos de maré. Estes trabalhadores possuem um conhecimento elaborado acerca do comportamento da maré, dada a sua importância como fator regulador da atividade de "catação". Durante praticamente o ano todo, os caranguejos são capturados de tocas individuais de até pouco mais de 1 m de profundidade, construídas sob árvores em ecossistemas de mangue.

No período reprodutivo, no entanto, estes animais costumam sair de suas tocas em grandes quantidades e perambular pelo mangue (fenômeno conhecido como "andada", ligado à procura do par para acasalamento e/ou à desova das fêmeas), tornando-se presas fáceis dos caranguejeiros. A captura nessa época é considerada predatória e é proibida pelos órgãos que regulamentam a atividade pesqueira. Contudo, o que se observa é a intensificação da coleta, tanto por parte dos catadores regulares, como por famílias da população ribeirinha que usualmente não trabalham na "catação" do caranguejo.

Este estudo tem como objetivo revelar o conhecimento que os caranguejeiros têm do evento reprodutivo do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*), com a finalidade de fornecer subsídios para o aprimoramento das normas proibitivas que, via de regra, descon sideraram a realidade da comunidade envolvida e o seu conjunto de conhecimentos sobre o recurso e o ambiente de coleta.

METODOLOGIA

Para descrever o procedimento de captura durante a "andada" do caranguejo, três catadores foram acompanhados ao mangue e seguidos durante todas as fases da coleta. Este método de observação direta é denominado de **homem-focal**, equivalente ao de **animal-focal**, comum nos estudos de comportamento animal desenvolvidos em primatas (ALTMAN, 1974). As atitudes consideradas importantes para o entendimento do processo de captura foram registradas e, algumas delas, quantificadas. O conhecimento do fenômeno de maré e a percepção do evento reprodutivo do caranguejo-uçá foram obtidos através da aplicação de questionários semi-estruturados a um universo de 75 catadores da região de Várzea Nova, distrito de Santa Rita, Estado da Paraíba. Também foram efetuadas algumas entrevistas livres com a função de motivar o discurso do catador, para que se possa conhecer sua própria interpretação da realidade em que vive.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os caranguejeiros associam o evento reprodutivo do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) aos movimentos da maré. A forma como eles classificam as variações da maré em função das fases lunares é mostrada no diagrama polar (Fig. 1), modificado de CORDELL (1974). As marés de lançamento são aquelas que ocorrem na passagem dos quartos de lua, crescente e minguante, para as luas cheia e nova. Neste período, a maré eleva-se mais a cada dia, tornando-se grande próximo de lua. Quando isso acontece, na preamar o mangue será inundado rapidamente e numa extensão maior, tornando-se mais descoberto na baixamar. Mesmo assim os catadores dizem que o mangue permanece com muita água empoçada. Da lua nova ou cheia para os quartos crescente ou minguante, têm-se as marés de quebramento, que se elevam menos a cada dia até produzirem oscilações mínimas próximas dos quartos de lua, quando passam a ser denominadas de morta. Aqui, a porção de mangue, inundada na preamar e descoberta na baixamar, será menor. As primeiras quebras de maré, quando ela ainda for grande, são conhecidas como quebramento grande. Nas últimas, próximos dos quartos de lua, diz-se que a maré está morrendo.

A época da reprodução do caranguejo-uçá é caracterizada pela saída dos indivíduos em grandes quantidades de suas tocas para deslocar-se pela área de mangue, distanciando-se bastante de suas galerias. Os catadores chamam a isto de "andada" do caranguejo. Em outras regiões, o fenômeno é conhecido como o carnaval do caranguejo (ALCÂNTARA-FILHO, 1978; ADEMA, 1984).

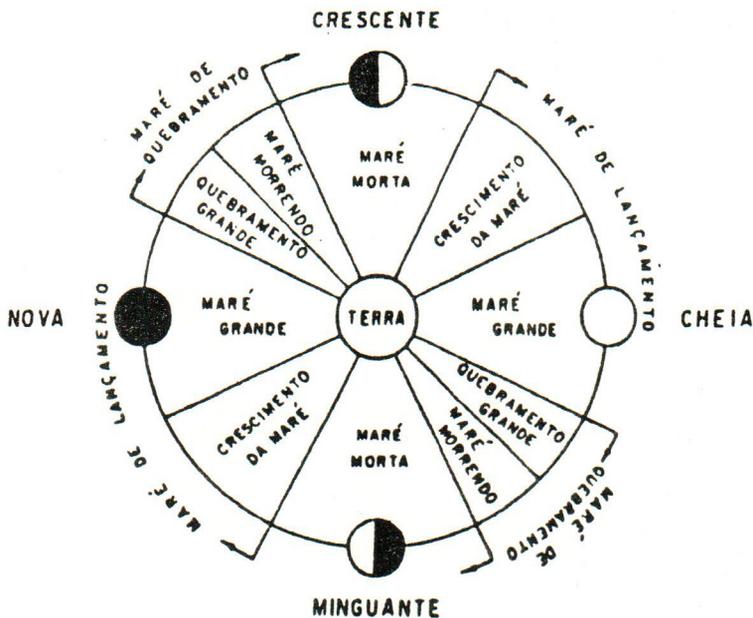


FIGURA 1 – Classificação dos movimentos de maré segundo o saber dos catadores de caranguejo.

Segue-se um depoimento colhido junto aos caranguejeiros de Várzea Nova, que indica o seu reconhecimento do fenômeno: “quando o caranguejo está espumando é sinal de que ele vai andar. A força dele andar está na maré. De quarto de lua para ela nova ou cheia, a maré vai lançar, vai botar cada vez mais água no mangue, tomando-se grande (maré de lançamento) quando for lua e assim permanecendo por cerca de três dias. Depois começa a quebrar, botando dia a dia, cada vez menos água no mangue (maré de quebramento), até morrer quando chegar no quarto de lua (maré morta, mangue enxuto), voltando a crescer em seguida para dar novo lançamento. A maré tem que dormir em cima do caranguejo para ele andar, por isso ele só anda nas marés grandes, nos quebramentos dela. Anda três dias no mês, três dias seguidos, em dezembro, janeiro, fevereiro e março. A última ‘andada’ é da fêmea ovada. Logo depois da ‘andada’, o caranguejo não está bem situado. Pode entrar em buraco de fêmea ou haver mais que um numa mesma toca”.

Essas informações são comparáveis às obtidas por ANDRADE (1983), em estudos sobre folclore desenvolvidos na região do Salgado, Pará: “de repente, o barro do mangal ganha um cheiro característico e então os tiradores sabem que o caranguejo vai andar. Ele começa a perambular, o sauatá (do tupi çauá = lugar; uatá = andar). Os degraus de lanço, que sobem dia a dia nessa época, se chamam primeiras águas do sauatá. Depois do dia de lua, cheia ou nova, a água cresce três dias, depois quebra,

pára de crescer, de subir um degrau por dia. Esta quebra se chama descabeçante. Daí para frente, a água começa a arrear (significa que a maré sobe, mas em nível mais baixo que o anterior), até chegar no quarto, crescente ou minguante. Então está bem baixa, é morta. Depois vai lançar, subir cada dia a nível mais alto, de novo. Os caranguejos se desorientam e, na descabeçante, saem andando. Tudo acontece num determinado lanço, que os tiradores chamam de lanço próprio do sauatá. Há sauatá em dezembro, janeiro, fevereiro e março, e neles andam os machos; é muito raro andarem condessas" (denominação dada às fêmeas, também muito utilizada em Várzea Nova); "em abril, mais uma vez acontece lanço próprio, este chamado últimas águas do sauatá, em que andam as condessas; diz-se que este é o sauatá das condessas ou a lavagem das condessas. Por três dias em cada sauatá, o barro vira um borrão de caranguejos; no mesmo buraco podem ser encontrados três, quatro, cinco ou até mais deles..."

Cerca de 56% dos catadores entrevistados, de uma forma ou de outra, reconhecem a "andada" como o período em que ocorre a reprodução do caranguejo-uçá. Destes, perto de 11% dizem que o caranguejo-uçá anda porque é "festa" ou para "divertir-se" e 5% afirmam que eles andam porque estão doentes. Em ambos os casos há uma alusão indireta ao evento reprodutivo. A "festa" ou a "diversão" podem significar o encontro para o acasalamento, enquanto que o termo "doente" está empregado à fêmea ovada, como uma analogia à mulher no final da gravidez, prestes a dar a luz. No Nordeste, é comum ouvir dizer que elas estão "doentes" e que vão "descansar" em breve. Aproximadamente 19% disseram não saber nada sobre o fenômeno da "andada". Alguns poucos acham que é para trocar de toca, pois o caranguejo fica "enfadado" por habitar muito tempo a mesma "moradia". Outros ainda, dizem que é por causa da "tintura" (calor) que o caranguejo anda, ou que sai da toca para andar quando tropeja.

Durante a "andada", os animais são facilmente capturados por tornarem-se mais expostos à ação dos catadores. Três deles foram acompanhados ao mangue para a observação dos procedimentos da coleta nesse período. Os catadores caminhavam no mangue, coletando os caranguejos avistados pela parte dorsal da carapaça, e colocando-os dentro de um saco de plástico ou cesto. Ao preenchê-lo, interrompiam a captura e se encaminhavam para uma área de mangue escoada, para proceder a amarra do que foi coletado, após a qual, retornavam para as partes mais alagadas para o reinício da coleta.

Foram observadas três sessões de captura por catador, com intervalos para fazer as cordas de caranguejo. Embora percebendo-se que na "andada" a forma de captura é mais simples, observou-se que os caranguejeiros percorriam distâncias maiores em comparação às coletas em outras épocas do ano. Isto acarreta, provavelmente, mais custos energéticos, desde que a caminhada no mangue é muito dificultada pelas características do sedimento. Quanto à produção dos catadores, observou-se uma diminuição do rendimento na última parte da coleta, que pode estar relacionada com o cansaço físico dos caranguejeiros (Tab. 1).

Dentre os catadores regulares estudados, 24% acham bom coletar na "andada" porque é mais fácil; para outros 24% não há nem vantagem nem desvantagem. No entanto, os demais 52% consideram ruim a captura nessa época do ano, porque se

TABELA 1 – Níveis de coleta de uma captura no período da "andada" do caranguejo-uçá (*U. cordatus*).

Catador	Produção nas diferentes fases de coleta (cordas/horas)		
	Fase 1	Fase 2	Fase 3
1	2,5	4,1	2,9
2	2,9	4,1	2,5
3	3,3	5,0	1,7
Tempo (horas)	1,2	1,1	1,2

anda muito, há riscos aumentados de ferimentos nos pés, provocados por ostras e porocotós (teredos) aderidos às raízes de mangue. Além disso, submetem-se ao baixo valor comercial dos caranguejos, devido ao acréscimo acentuado da oferta para um mesmo nível de demanda. No posto de vendas onde se acompanhou o processo de comercialização, os preços por corda (1 corda = 12 caranguejos) chegaram a menos da metade do que usualmente é pago. Também, com maior frequência nesse período, os catadores não conseguem vender sua produção.

O incremento da população que vai ao mangue nessa época e a sobrecaptura podem ser explicados pela entrada daqueles que não são catadores regulares e pelo aumento do número de crianças acompanhando seus pais. Com isso, à captura mercantil soma-se a de subsistência, acrescendo sensivelmente o nível de coleta. Estudos com a população de catadores de caranguejo-uçá, desenvolvidos pela ADEMA (1984) em mangues do Estado de Sergipe, constataram que a quase totalidade dos moradores dos povoados estudados praticam a "catação" no período da "andada", considerada predatória, pois é quando se dá a reprodução dos caranguejos. A intensificação de coleta nesse período, reconhecidamente prejudicial à preservação da espécie, pode estar sendo influenciada por fatores que não são compreensíveis à luz dos preceitos ecológicos. Tais fatores devem ser considerados para que se encontre a compreensão adequada. Entre eles, as pressões de sobrevivência parecem exercer papel predominante. As leis burocráticas que regulamentam a pesca são fundamentadas rigorosamente na dinâmica populacional do recurso e, portanto, insensíveis às diferentes realidades dos pescadores. São quase sempre inócuas porque não observam sua sabedoria e muito menos contemplam a situação de marginalidade econômica e social em que vivem.

Segundo MALDONADO (1986), tanto a capacidade de lidar com o ambiente sem predação os seus recursos, como o conhecimento dos pescadores, são relegados ao plano inferior, na medida em que os processos fundamentais à sua reprodução – pesquisa, fiscalização e alocação de recursos – são decididos e administrados praticamente sem a menor participação de representantes seus. Segundo SMITH (1982), o elemento chave para a viabilização de uma administração de recursos pesqueiros em benefício não de poucos, mas da sociedade como um todo, é a participação das comunidades locais nas decisões administrativas, bem como na sua execução. Isto per-

mitiria a adequação das medidas às condições localmente vigentes, sua legitimidade junto às comunidades pesqueiras e fiscalização permanente. À disponibilidade de dados e informações pertinentes, cientificamente embasadas, devem-se somar os conhecimentos daqueles que verdadeiramente praticam o manejo do recurso. O conhecimento empírico que estas populações apresentam é um acervo de informações a ser sistematizado e operacionalizado no sentido de subsidiar a formulação de medidas designadas ao uso sustentado dos recursos naturais. Em reunião de pescadores de mangue, realizada em Rio Tinto, Paraíba, em novembro de 1989, com a participação de 12 comunidades, grande número de caranguejeiros mostrou-se favorável à portaria do IBAMA⁽¹⁾ que proíbe a captura de fêmeas. Discordaram, no entanto, da sua validade para o ano todo, sugerindo que a proibição deveria restringir-se ao período em que a fêmea estivesse "ovada" ou "choca", o que corresponde a três meses do ano (G. CALVAZARA, informação pessoal).

Esta sugestão parece ter procedimento já que as fêmeas "ovadas" seriam poupadas, garantindo a reprodução da espécie, enquanto que, nos demais períodos, elas poderiam ser capturadas, respeitando-se a razão sexual existente no ambiente, levemente favorável aos machos. A disposição para cumprir as proposições dos pescadores e o eventual aproveitamento das que forem viáveis para o aperfeiçoamento das portarias de pesca, deveriam ser um compromisso dos órgãos responsáveis. Isto significaria mudar a preocupação predominantemente centrada na preservação do recurso, deslocando-a para a preservação do binômio pescador-recurso, ou seja, focalizar a interação, seu agente e receptor. Ao tentar refletir os diversos fatores envolvidos no processo de pesca, as regulamentações gerais podem tornar-se instrumentos mais eficazes e destituídos de qualquer cunho impositivo. Como afirmou BAILEY (1986), para entender as interações entre o homem e os recursos da natureza, é necessário compreender o quadro social. No caso específico deste estudo, o que está em jogo não é só exclusivamente os caranguejos, mas também, e principalmente, os caranguejeiros.

Finalmente, deve ser ressaltada a estreita ligação existente entre a vida do caranguejeiro e a dinâmica da população de caranguejos, ou de outra forma, a elevada dependência entre o catador e o ambiente de mangue, ambos ameaçados por atividades que depredam o ecossistema, como, por exemplo, as usineiras e imobiliárias. O homem caranguejeiro, pobre, excluído e analfabeto, possui uma percepção do mangue diferente da manifestada pelo homem das usinas ou imobiliárias. São diferentes "olhares" em relação à natureza, que não se dão apenas através do espaço físico, mas também, de todo o imaginário social que ele encerra. Estes diferentes entendimentos levam à contraposição de um grupo de ação permanente e de respeito ao equilíbrio original do ecossistema, a grupos de ação temporária e modificadora. Estes últimos formam coalizões que permitem a valorização social do mesmo espaço físico, desvalorizado enquanto propriedade comum, às custas da degradação irreversível do mangue e conseqüente eliminação de caranguejos e caranguejeiros.

NOTA

(¹) Portaria 1208/89 (Art. 1^o). "Proibir, em qualquer época, a captura, e conseqüentemente, o transporte, o beneficiamento, a industrialização e a comercialização nos Estados da Região Nordeste, de fêmeas de qualquer tamanho e de machos menores que 4,5 cm (quatro e meio centímetros) de comprimento da carapaça da espécie *Ucides cordatus*, vulgarmente conhecido como caranguejo-uçá".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADEMA (Administração Estadual do Meio Ambiente) 1984 – **Levantamento sócio-econômico da população humana envolvida com a captura do caranguejo-uçá**. Governo do Estado do Sergipe, Aracaju, 72 p.
- ALCÂNTARA-FILHO, P. 1978 – Contribuição ao estudo da biologia e ecologia do caranguejo-uçá, *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763 - Crustacea, Decapoda, Brachyura) no manguezal do rio Ceará, Brasil. *Arq. Ci. Mar* 18(1/2):1-41.
- ALTMAN, J. 1974 – Observational study of behavior: Sampling methods. *Behavior* 14:227-267.
- ANDRADE, J. 1983 – **Folclore na região do Pará: Teredos na alimentação/profissões ribeirinhas**. 2. ed. Escola de Folclore, São Paulo.
- BAILEY, C. 1986 – Social issues in third world fisheries development; pp. 1-31. In: **Annual Meeting of the Rural Sociological Society**. Salt Lake City.
- CORDELL, J. 1974 – The lunar-tide fishing cycle in northeastern Brazil. *Ethnology* 14(4):379-392.
- MALDONADO, S.C. 1986 – **Pescadores do Mar**. Ática, São Paulo, 75 p.
- SMITH, I.A. 1982 – **Mismanagement of inland fisheries and some corrective measures**. ICLARM, Manila.

Nivaldo Nordi
Departamento de Sistemática e Ecologia
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Universidade Federal da Paraíba
Campus Universitário
58059-900 João Pessoa, PB
Brasil

Endereço atual:
Departamento de Hidrobiologia
CCBS
Universidade Federal de São Carlos
Via Washington Luís, km 235
13565-905 São Carlos, SP
Brasil